

### **3. O que dizem os futuros professores sobre sua relação com a mídia**

Este capítulo trata dos principais resultados obtidos com os questionários. Em um primeiro momento, há uma apresentação dos estudantes que participaram da pesquisa a partir de seus dados sócio-econômicos. Em seguida, uma análise de suas aspirações em relação à vida profissional: se pretendem fazer vestibular, dar aulas, entre outros. Na terceira parte, estão as preferências dos estudantes sobre a mídia de forma geral: o que e como consomem em termos de jornais impressos, sites de notícia, revistas, programas de rádio e de TV. Por último, de que forma a relação entre os pais e amigos dos alunos pesquisados com a mídia pode nos dar pistas sobre o incentivo desses mesmos jovens para a leitura de jornais e sites de notícia.

#### **3.1 Maioria de mulheres, com largo acesso à internet e aos jornais: a análise dos dados sócio-econômicos**

Para de início compreender o que dizem os estudantes através dos seus questionários, é preciso saber quem são, como são constituídas as suas famílias, de que tipo de informação dispõem, entre outros fatores de ordem socioeconômica. A análise desses dados, que constavam no último bloco de questões dos questionários aplicados, mostra que 240 dos alunos que participaram desta pesquisa eram mulheres, enquanto 13 eram homens. Os percentuais estão no quadro a seguir.

**Quadro 2**

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

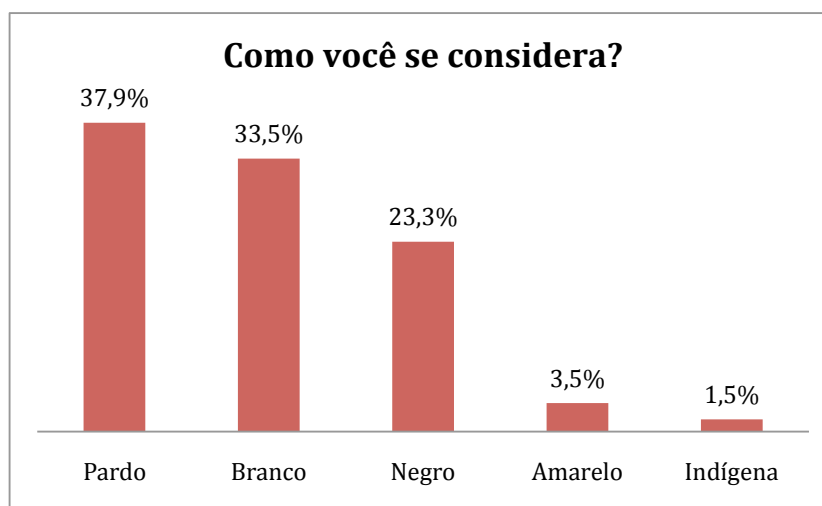
De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), do MEC, a forte presença feminina no sistema educacional vem crescendo, em termos absolutos, em todos os níveis de ensino. Na Educação Básica, comparando com a presença masculina, as mulheres são minoria entre os alunos apenas em Creches e no Ensino Fundamental. Já no Ensino Médio, mesmo aquele que não é de modalidade Normal (formação de professores), elas são maioria. Em 2006, segundo o Censo Escolar, as mulheres representavam nesse segmento 54% das matrículas, percentual que em 2005 estava um ponto abaixo. Em 2007, essa taxa já estava em 54,7%. No Ensino Médio Normal, a presença feminina é ainda maior, uma vez que, desde o século XIX, quando, no Brasil, meninas começaram a ser admitidas como alunas e mulheres passaram a ser aceitas como professoras nas escolas públicas, pela Lei Imperial de 15 de outubro de 1827, o magistério primário foi transformado em atividade predominantemente feminina, como explica Monlevade (2009).

O aumento constante de alunos nos cursos primários conferiu densidade suficiente para a fundação de escolas normais de nível ginásial ou colegial, que formaram milhares de professores e professoras, cunhando uma instituição nacional, a da normalista. (Monlevade, 2009)

O Censo Escolar, em 2007, apontou que, nas primeiras etapas de ensino, as mulheres dominam a docência. Os níveis de creche, de pré-escola e do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental concentravam, naquele ano, maioria feminina, com porcentagens de 97,9%, 96,1% e 91,2%, respectivamente. Segundo o mesmo censo, a presença do sexo masculino aumenta de acordo com a exigência de especialização. A cada etapa do Ensino Básico, de acordo com esses mesmos dados, crescia a participação dos homens: do 2º a 5º ano, eles eram 8,8%; do 6º ao 9º, 25,6%; e, no Ensino Médio, chegavam a 35,6%. Isso explica a forte presença feminina ainda no Ensino Médio modalidade Normal, de onde sairão os docentes que poderão atuar em creches e pré-escolas.

A divisão por raça/cor, que levou em conta a maneira pela qual os próprios alunos que participaram da pesquisa se consideravam, mostra que um maior número de pardos (37,9%) respondeu aos questionários; seguidos por brancos (33,5%). Os números estão discriminados abaixo.

**Quadro 3**

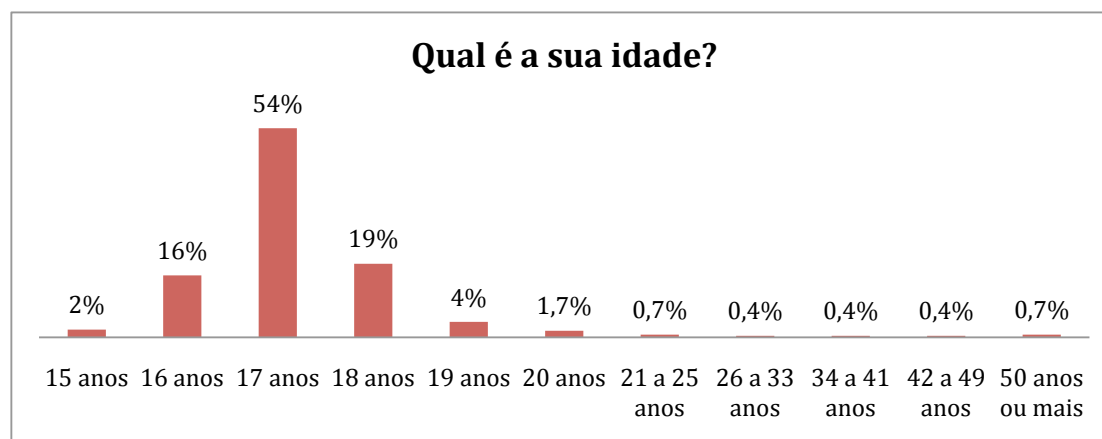


Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

Na questão da faixa etária, a concentração é maior entre aqueles que têm 17 anos. Eles representam 54% dos entrevistados, que é a idade certa para alunos do 3º

ano do Ensino Médio, considerando que ingressaram aos 7 anos de idade na 1ª série do antigo Ensino Fundamental, ainda com duração de oito anos. A tabela com a divisão completa por idades está a seguir:

#### Quadro 4



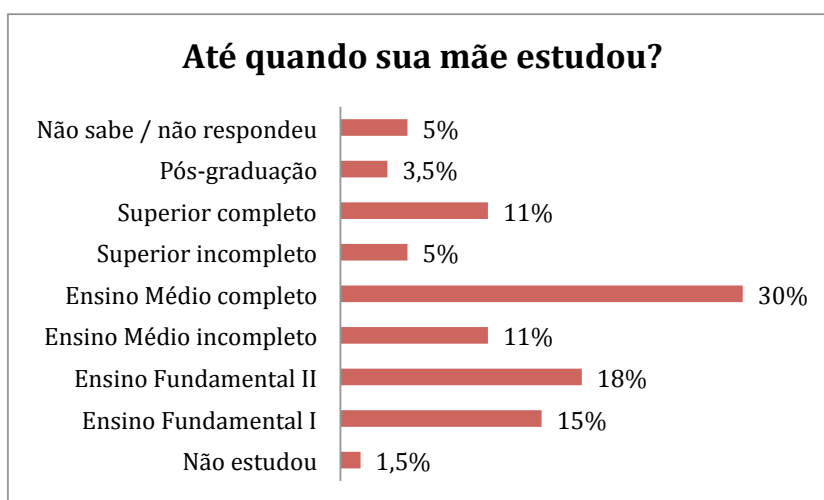
Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

De acordo com o que declararam sobre a renda total de todas as pessoas que moram em suas casas, a maioria dos estudantes que responderam aos questionários desta pesquisa tem renda familiar (contando todos os que moram em suas residências) de um a dois salários mínimos. O segundo maior percentual foi o de alunos que dizem que suas rendas familiares ficam entre 2 e 5 salários mínimos. Esses dados nos dão pistas sobre as condições em que vivem esses estudantes. A maioria, provavelmente, dispõe de poucos recursos, o que explica também alguns dados deste mesmo capítulo, sobre que jornais leem (aqueles cujos preços são mais em conta) e por que apenas uma ínfima minoria possui assinatura dessas publicações.

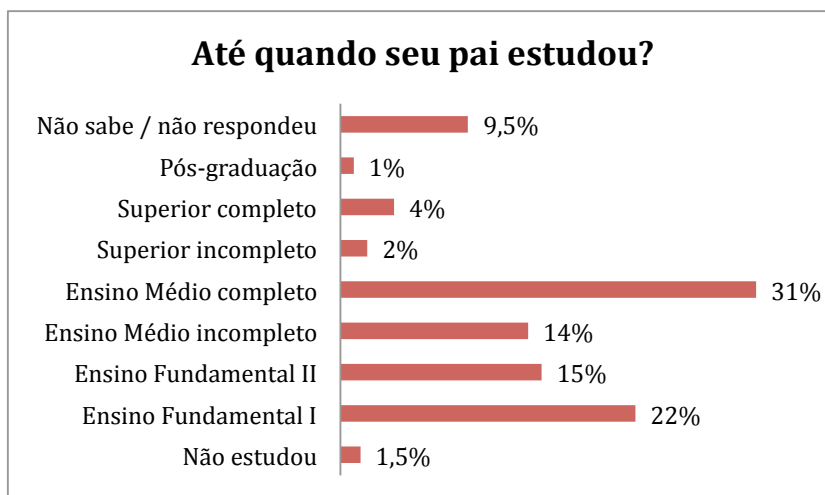
Há ainda outros dados sobre a vida econômica desses jovens (eletrodomésticos em casa, se possuem imóvel próprio) que estão em anexo a esta tese, na lista de respostas a partir dos valores absolutos fornecidos pelos alunos, e não percentuais.

Sobre a escolaridade dos pais dos estudantes entrevistados, a análise dos questionários mostrou que o maior número de jovens tem mães que concluíram o Ensino Médio. Além disso, um percentual considerável de mães, cerca de 11%, tem diploma universitário. A escolaridade da mãe, segundo mostram pesquisas recentes, pode estar entre as variáveis mais importantes quando se trata do desempenho dos alunos e sua frequência na escola. Analisando o desempenho dos alunos da 4<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental e da 3<sup>a</sup> série do Ensino Médio nos testes de proficiência em matemática do Sistema de Avaliação do Ensino Básico (SAEB) de 2003, Menezes-Filho (2009) aponta que o fato de ter uma mãe com Ensino Superior aumentava em 6 pontos o desempenho de estudantes do Ensino Médio na avaliação. Além disso, de uma forma mais geral, são esses mesmos alunos que possuem notas quase 20% maiores que a média. Segundo o pesquisador, são muitas as explicações para esse resultado. Por um lado, essas mães cobram mais do professor, da escola e do diretor e, além disso, os alunos cujas mães passaram pela universidade têm mais facilidade de absorver conteúdos, pois recebem ajuda em casa. Assim, quanto maior for o nível de escolarização de suas mães, maior será a possibilidade de esses estudantes obterem bons resultados na escola. Menezes-Filho também reconhece que o professor pode ter mais facilidade de transmitir conhecimento e motivação para uma classe com melhor *background* familiar. Abaixo, segue a tabela de escolaridade das mães dos estudantes que participaram desta pesquisa.

**Quadro 5**

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

Analisando os resultados sobre a escolaridade dos pais, percebe-se que o percentual daqueles que concluíram o Ensino Superior ou que, pelo menos, chegaram a cursar uma universidade é relativamente menor que o das mães. As taxas de mães que pelo menos chegaram ao Ensino Superior são mais elevadas. De fato, a média de estudos da mulher no Brasil é maior que a dos homens. A Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD), do IBGE, mostrou que, em 2008, entre a população com 10 anos ou mais, as mulheres estudavam, em média, mais do que os homens: eram 7,2 anos para elas, contra 6,9 anos para eles. As mulheres, de acordo com o IBGE, permanecem também por mais tempo no sistema de ensino, alcançando, em maior número, as séries finais de cada nível de ensino. Abaixo está a tabela completa com os percentuais sobre o nível de escolaridade dos pais dos alunos entrevistados.

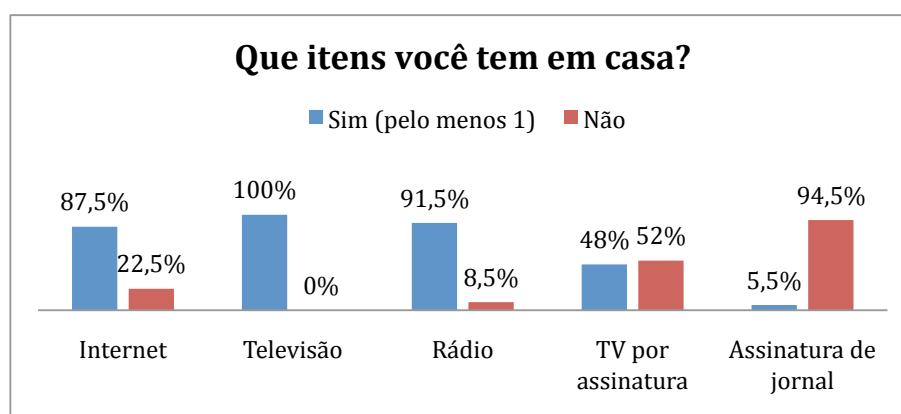
**Quadro 6**

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

Outro dado importante obtido com a análise das questões sócio-econômicas foi o do acesso aos meios de comunicação em casa, principalmente jornais impressos e sites de notícia, objetos principais desta tese. A TV tem penetração total entre os estudantes, fazendo-se presente em todas as casas dos alunos que responderam ao questionário. Depois dela, como meio de comunicação a que mais têm acesso, vem o rádio, presente em 91,5% dos lares. De fato, essa presença do rádio servirá para mostrar, mais à frente, por que muitos estudantes citam esse veículo como um grande responsável por se manterem “por dentro das notícias”. Um percentual que chama bastante atenção é o do largo acesso desses alunos à internet, uma vez que 87,5% dos entrevistados possuem computadores conectados em casa e fazem uso deles. De acordo com dados da PNAD de 2008, o número de brasileiros de 10 anos ou mais de idade que acessaram ao menos uma vez a internet pelo computador aumentou 75,3%, passando de 20,9%, em 2005, para 34,8%, em 2008, totalizando 56 milhões de usuários. Além disso, registrou-se que o uso da internet, em 2008, era maior entre os mais jovens. O grupo de 15 a 17 anos de idade foi o que teve maior percentual de pessoas que acessaram a rede (62,9%) e obteve também o maior aumento em relação a 2005.

É importante ressaltar também, para compreender o número elevado de jovens entrevistados que declararam possuir computador com acesso à internet em casa, que a proporção de pessoas que disseram não acessar a rede, em 2008, segundo o IBGE, porque não tinham acesso a computador teve uma redução em relação à pesquisa de 2005, quando o percentual. O custo elevado das máquinas também passou a ser um motivo menos citado, de 9,1%, em 2005, para 1,7% em 2008. Por último, cresceu também o percentual de pessoas cujo motivo declarado para não se conectarem foi não saber utilizar a internet: de 20,6%, em 2005, para 31,6%, em 2008. Assim, levando em consideração que a possibilidade de comprar um computador aumentou e que esses jovens, mais do que qualquer outra parcela da sociedade, têm capacidade de se adaptar com facilidade às novas tecnologias, é possível compreender por que tantos estudantes que participaram desta pesquisa têm acesso à rede. Abaixo, o quadro com os dados sobre a presença de cada meio de comunicação em suas casas.

**Quadro 7**



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

O baixo percentual daqueles que possuem assinatura de jornal (5,5%) é, de certa forma, compensado pela frequência com que os alunos encontram esse tipo de impresso em suas casas. Cerca de 67,5% dos estudantes declararam encontrar jornais normalmente, quase sempre ou sempre nos locais em que moram. Uma das explicações para isso, levando-se em conta que o jornal que esses jovens mais citam



como leitura é o Extra, seguido por Meia Hora e O Dia (dados que serão analisados mais à frente), percebe-se que o aparecimento de um número expressivo de jornais direcionados para as classes C, D, E e que têm um preço bastante inferior em relação a outras publicações, pode ser um fator que explica essa forte presença do jornal em casa. O Extra custa R\$ 1,10 (exceto aos domingos); o Meia Hora, R\$ 0,70 (exceto aos domingos); e O Dia é vendido nas bancas a R\$ 1,20 (exceto aos domingos)<sup>20</sup>.

**Quadro 8**



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

### **3.2 - As preferências dos futuros professores: carreira e meios de comunicação**

O primeiro bloco de questões respondidas pelos alunos nesta pesquisa era constituído por perguntas acerca de suas preferências, em termos de carreira e suas relações com os meios de comunicação, de forma mais geral. A grande maioria dos estudantes (74%) afirma que deseja dar aulas. Ainda assim, somente 41% destes pretendem atuar na Educação Infantil (25% em creches; 16% em pré-escolas). Os

<sup>20</sup> Valores referentes ao mês de novembro de 2010.

outros 26%, que afirmam não ter planos de se tornarem docentes explicam que seguirão outras carreiras.

De todos os alunos entrevistados, 95% afirmam que vão prestar vestibular depois que concluírem o Ensino Médio. Esses estudantes citaram um total de 39 diferentes carreiras que possivelmente vão seguir na universidade (cada um podia citar mais que uma carreira, pois a pergunta era aberta). Pedagogia aparece como a escolhida pelo maior número de pessoas, cerca de 22% daqueles que pretendem seguir para o Ensino Superior. Em seguida vem Psicologia, citada por 11,2%; e Medicina, com 6,2%. Educação Física (5,3%), Letras (4%) e História (3,7%) são as seguintes do ranking. Isso nos dá a entender, de certa forma, que muitos desses alunos podem abandonar o magistério nos próximos anos, principalmente na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, atraídos por outras carreiras, ou seguirão como professores, mas em outros segmentos de ensino.

Para Kramer (2006) existe, atualmente, uma visão preconceituosa com relação ao trabalho com a criança pequena. Isso pode ser percebido uma vez que, na maior parte dos municípios brasileiros, os salários de professores são definidos a partir do tamanho ou da idade dos seus alunos e não de acordo com o seu nível de escolaridade. Especialmente na área de Educação Infantil, lembra a autora, as professoras são identificadas como “meninas”.

(...) Há, no caso da Educação Infantil, um processo de subjetivação, que parece constituir-se no cotidiano, de forma a modelar aquelas que atuam junto às crianças menos como adultas, profissionais, professoras, e mais como crianças, menores, meninas. (...) O horizonte social no qual a subjetividade das professoras de Educação Infantil tem sido produzida parece marcado ideologicamente por uma visão que as diminui, enfraquece, desprofissionaliza. (Kramer e Nunes, 2007, p.450)

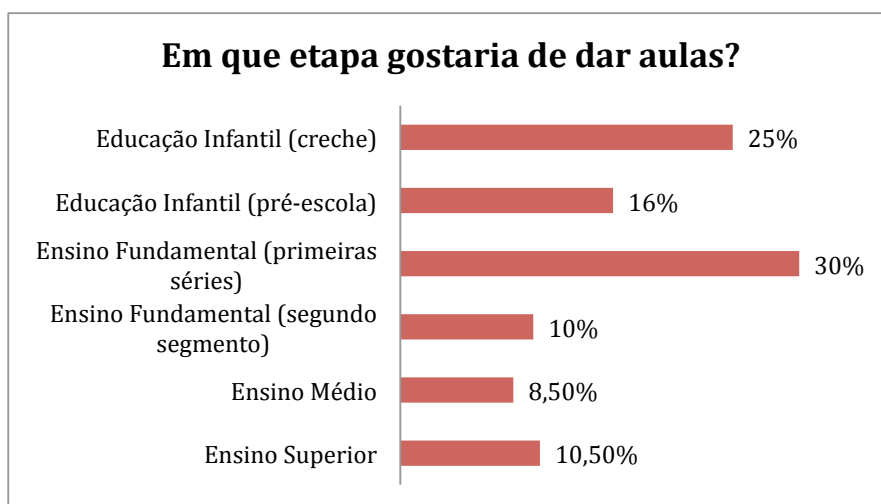
A análise de entrevistas realizadas para a pesquisa “Formação de Profissionais de Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro: concepções, políticas e modos de implementação” (Kramer, 2005), do Grupo de Pesquisas sobre Infância, Formação e Cultura (INFOC), da PUC-Rio, com 57 responsáveis pela Educação Infantil de secretarias municipais de Educação do Estado do Rio de Janeiro, também aponta outro dado. A partir das falas de alguns desses entrevistados, professoras que atuam diretamente com as crianças e responsáveis pela Educação Infantil no âmbito das creches, escolas, secretarias de educação e instâncias intermediárias (coordenadorias

regionais), conclui-se que o professor se sente desvalorizado ao fazer tarefas relacionadas ao cuidar e, esses casos, o cuidar aparece separado do educar. Na visão de coordenadoras e diretoras, os professores acreditam que tais práticas desvalorizam o profissional.

Para Monlevade (2009), há o que ele chama de “condicionamento da sociedade, de ascensão social”. Depois de conversar com professoras, ele conta que a percepção geral que se tem é a de que trabalhar com crianças de até 10 anos é uma função baixa, pesada, desagradável, de que a grande maioria quer se livrar disso, seja emigrando para postos de trabalho na educação em graus mais elevados, seja transitando para outro emprego. *“Ser professora alfabetizadora, onde o fracasso profissional fica mais exposto, é a pior opção, a última escolha nas sessões anuais de ‘distribuição de aulas’”* (Monlevade, 2009).

Dos que afirmam que querem ser professores no futuro, 41% dizem que poderão atuar na Educação Infantil, e 30% nas primeiras séries no Ensino Fundamental. A tabela completa está abaixo.

**Quadro 9**



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

Dividido em diferentes blocos, o questionário tratou também das preferências e práticas de leitura de sites de notícia, jornais, revistas, além de audiência em

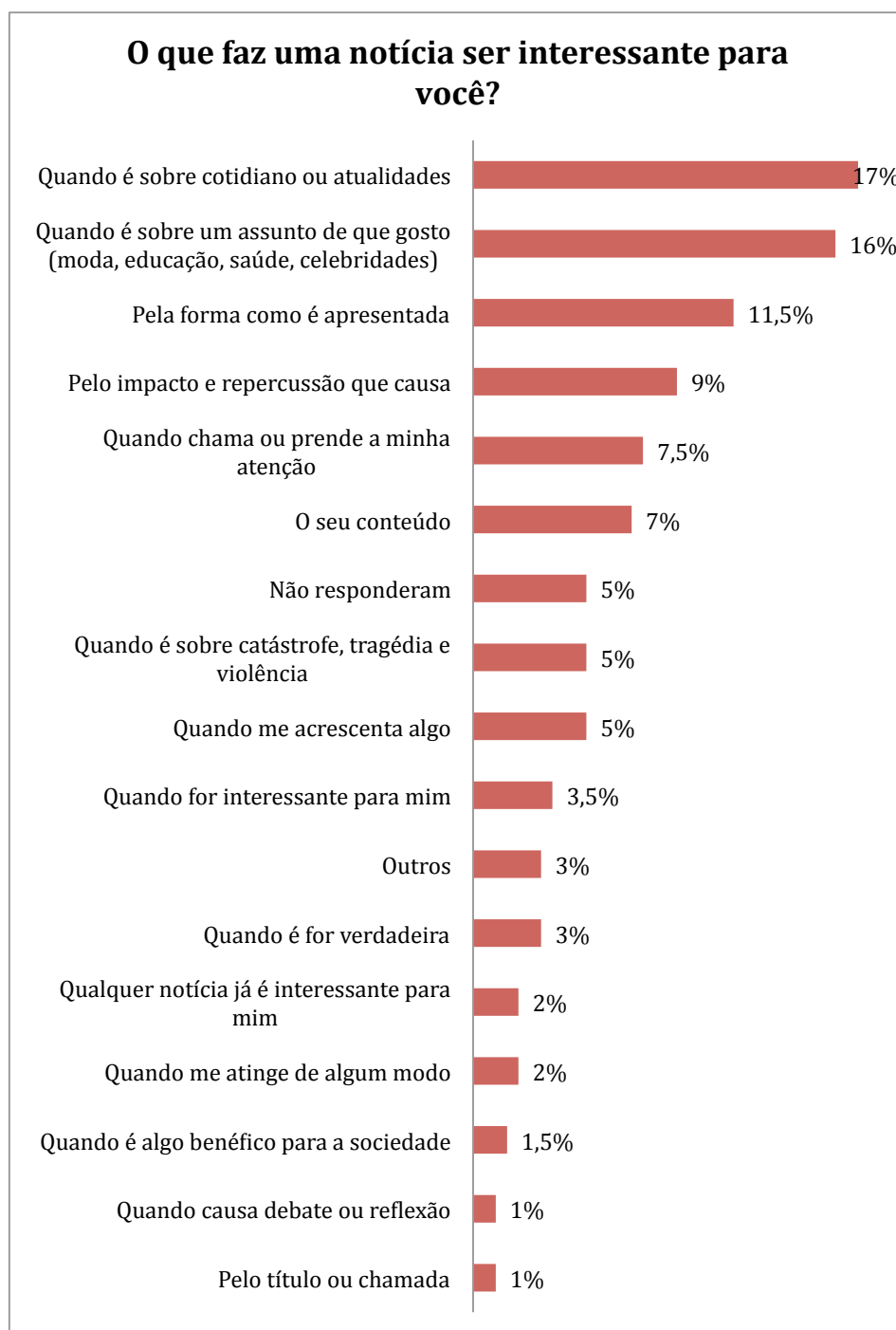
telejornalismo e radiojornalismo dos entrevistados. Logo de início, uma das questões revela que 74% desses mesmos estudantes consideram estar “por dentro das últimas notícias”. *“Acho que sou antenada. Por mais que não leia jornais todos os dias, sei o que está acontecendo de mais importante por aí. É difícil ficar totalmente à parte do que acontece tendo TV, internet, essas coisas”*, afirmou uma das estudantes, de 18 anos, da escola Rio 4, à pesquisadora, enquanto completava o questionário.

A fala dessa aluna reforça o que afirma Novaes (2006), acerca das instâncias socializadoras atuais. Os meios de comunicação, segundo a autora, passaram a constituir, ao lado das já consagradas “família” e “escola”, também uma instância de socialização. “Não ficar à parte”, como explica a estudante, encaixa-se no fato de que, por mais diferenciados que sejam os jovens, estando em diferentes locais de moradia, com acessos diversos aos projetos sociais, sendo de gênero e raças diferentes, eles podem ter a mesma quantidade de informações.

Por um lado, houve uma ampliação das agências socializadoras da juventude, que extrapolam o âmbito da família e da escola, implicam o aumento do espaço de influência dos meios de comunicação e a presença da internet. A inovação tecnológica tem aproximado jovens de mundos diferentes. Desiguais e diferenciados por subgrupos etários, pelo nível de escolaridade, por gênero, raça, local de moradia, com acessos diferenciados aos projetos sociais, os jovens de hoje podem ter a mesma quantidade de informações sobre um determinado assunto (...) (Novaes, 2006, p. 119)

Para os jovens que responderam ao questionário, uma notícia pode ser considerada interessante, em qualquer meio de comunicação, pelos mais diversos motivos. As respostas fornecidas por eles a essa questão, que era aberta e possibilitava diferentes tipos de resposta, foram divididas em categorias para uma melhor compreensão de seu resultado. Veja o quadro a seguir:

### Quadro 10



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

“*Interessante para mim é uma notícia que faça com que eu fique ciente do que acontece no dia a dia do Brasil e do mundo*”, afirmou uma aluna de 16 anos, da escola Met5. “(Interessantes são) *As (notícias) que falam o que acontece na cidade, que estão por dentro dos temas atuais*”, revela outra estudante do colégio Rio2, de 17 anos. Para a maior parte dos jovens que participaram da pesquisa, o interesse sobre uma notícia é despertado quando ela trata do que está acontecendo tanto perto, em sua cidade, quanto longe, em outros países, seja ela de qualquer área. “Coisas que estejam em alta” ou que “sejam importantes e marquem a população”, mas que sejam, ao mesmo tempo, atuais, como as notícias sobre o governo, sobre a Copa do Mundo, sobre as últimas enchentes, são citadas pelos estudantes como sendo interessantes.

A notícia, de certa forma, parece ser vista por esses estudantes como uma espécie de passaporte, necessário para estar inserido no mundo. É preciso, segundo eles, saber o que acontece por aí, estar antenado, como se isso os possibilitasse fazer parte de uma grande comunidade, de uma sociedade que fala e respira notícia, que partilha de uma mesma informação. Isso pode explicar por que a grande maioria tem preferência sobre notícias do cotidiano e de atualidades.

Para Fuchs e Vivarta (2004), a comunicação é um direito de crianças e adolescentes em dois diferentes aspectos – informação e participação. No primeiro caso, é também uma ferramenta forte e importante para que se reivindique e conquiste outros direitos, como saúde, educação, proteção e exercício pleno da cidadania. Não por acaso, Silverstone (1999) formula uma discussão sobre o papel da imprensa na criação de uma comunidade imaginada. Vivemos entre os outros, participamos de atividades que nos unem e chega ser até difícil imaginar em uma comunidade sem localização. A comunidade é, segundo o autor, uma versão do lar. A relação entre comunidade e mídia é fundamental.

A comunidade midiática é criada com a ascensão da imprensa e ainda reconstruída a cada dia com a chegada e a leitura do jornal matutino, descreve o surgimento de um espaço simbólico compartilhado, o resultado da atividade simultânea dos milhões de indivíduos que, em seus atos de consumo literário, se alinham com uma cultura nacional e dela participam. (Silverstone, p. 185, 1999)

Tratar de uma área específica também é motivo para fazer uma notícia ser interessante, segundo os estudantes. Cerca de 16% afirmaram se interessar por uma

notícia quando ela trata de um tema que seja do seu interesse. Futebol, fofocas, a vida dos famosos, saúde, educação, moda, meio ambiente e TV foram alguns dos assuntos citados para explicar o que os fazem se interessar por uma notícia. *“Só falar sobre saúde que eu leio”*, explicou, em seu questionário, uma aluna de 19 anos, da escola Met 3. Entre esses temas específicos citados pelos jovens, “fofoca” e “vida dos famosos” foram os que mais apareceram. O interesse específico pelo tema educação foi citado por oito estudantes. *“Gosto de notícias que tratem de educação e cidade”*, explicou uma aluna de uma escola Rio 3, de 17 anos.

A divisão das notícias em áreas temáticas pode facilitar a sua “digestão” (Chartier, 2007). A partir da análise de uma comédia escrita por Ben Jonson, intitulada “Staple of the news” (“O comércio de notícias”), ainda no século XVII, com cenas que se passam em uma oficina tipográfica, Chartier chama a atenção para a fala de um dos personagens, que afirma que é graças a tal método, de distribuir as unidades textuais em unidades temáticas, que *“todas as coisas são bem digeridas, ordenadas e compostas, de modo que se vê que a inteligência foi casada com a ordem”*. Segmentar as informações, colocando-as em áreas específicas, chamadas pelos jornalistas de editorias, poderia ser comparada a uma espécie de tática de guerra, o chamado “dividir para conquistar”. É uma maneira de organizar o noticiário, mas também de direcionar o leitor àquilo que ele vai ler, pois ele mesmo já sabe que gosta, por exemplo, de notícias sobre educação ou da área de saúde, ou de qualquer outro tema, como mostram os alunos que responderam o questionário desta tese.

A forma como a notícia é apresentada, o tamanho do seu texto e se ele é claro, de fácil entendimento, a maneira através da qual a reportagem é diagramada ou simplesmente como o jornal a apresenta é o terceiro motivo mais citado pelos alunos para que uma notícia seja interessante, sob seu ponto de vista, aparecendo em 11,5% dos questionários. *“Se ela for curta, acho interessante”* foi a frase de um aluno de 16 anos, da escola Met2. Para uma estudante de 18 anos do colégio Met1, a notícia se torna interessante *“quando ela tem uma linguagem clara e objetiva”*.

Esse resultado em muito se assemelha a algumas constatações a que cheguei em minha dissertação de mestrado (Fischberg, 2007), quando analisei as relações entre crianças e jornal. A forma como a notícia era veiculada importava muito para as

crianças que participaram da pesquisa, principalmente se os textos fossem curtos e rápidos. O texto ideal, para elas, assemelhava-se aos textos da internet, que não se estendiam por diversas páginas, como nos jornais, estes considerados feios e sem cor. A forma, muito mais que o conteúdo, era o que valia em alguns casos.

Para saber quais são os temas ou editorias dos quais os estudantes que responderam aos questionários mais gostam, foi criada uma lista com as principais áreas que hoje são utilizadas, tanto em jornais quanto em sites de notícia, para dividir suas reportagens. Cada aluno só poderia escolher uma opção e isso gerou muitas dúvidas. Os estudantes diziam que era muito difícil escolher uma opção só, uma vez que havia muitos assuntos que lhes interessavam. Abaixo a tabela com os percentuais de escolha sobre cada editoria.

**Quadro 11**



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”  
(Fischberg, 2011)



Internacional, sobre as notícias acerca do que acontece no mundo, é a editoria que atrai o maior número de estudantes, tendo registrado percentual de 17%, mais uma vez reforçando a ideia de que a informação talvez seja vista por esses alunos como uma estratégia de pertencimento a uma comunidade maior, pelo interesse que demonstram ter pelos fatos cotidianos. Sobre esse interesse pelo que acontece no resto do planeta e a formação de uma grande comunidade, sem fronteiras, seria interessante levar em consideração o que diz Baccega (2005) sobre o assunto. De acordo com a autora, o contato diário com tantas outras culturas, o que vem a ser resultado das novas tecnologias, implica uma rápida e permanente atualização da nossa própria cultura. Com a rapidez que a tecnologia permite, nossas identidades, ao mesmo tempo em que estão inseridas numa “internacionalização do mundo”, também se reforçam, pelas marcas da diferença, as culturas locais e regionais.

Instaura-se uma reconfiguração das instituições e uma discussão de valores. Permite, desse modo, que consolidemos nossos valores, ratificando-os ou reformulando-os. Permanecerão nas nossas culturas aqueles traços que todos decidirmos como marcas da diferença, as quais nos distinguirão no conjunto das culturas, na inter-relação com elas. São os traços que mostram nossos jeitos de ser e de viver e fazem que todos nos sintamos participantes do mesmo universo, da mesma nação. E, a partir desses traços, seremos identificados e respeitados. (Baccega, 2005, p.9)

Na hora de buscar a informação, é à rede de computadores que os alunos entrevistados mais recorrem. Entre internet, jornal, televisão, revistas, rádios, a web foi apontada por 55,7% dos estudantes como primeiro meio de comunicação que acessam para saber sobre uma determinada notícia. Em seguida, vieram a TV, com 34,3%; o jornal, com 9,5%; e o rádio, com 0,5%. Ao explicarem sua preferência pela internet, os estudantes afirmam que vão diretamente ao Google: 73% dos que escolheram a internet como primeiro meio de comunicação a que recorrem afirmaram fazer esse percurso pelo site de busca, onde digitam o assunto procurado e, geralmente, são direcionados a outros sites, desta vez de notícias.

Caberia aqui retomarmos novamente o que diz Chartier (2002a) acerca da nova apresentação dos textos na internet, algo que transforma radicalmente o que existe de relação entre o fragmento e a obra em sua totalidade. Ao procurarem as notícias no Google, a maior e mais completa página de busca da internet, atualmente,

muitos desses jovens mal sabem dizer para onde são direcionados. *“Eu faço assim: digito a palavra chave no Google e ele me leva para algum site. Nem sei te dizer qual, são tantos... Eu leio o que achar mais interessante na hora”*, afirmou uma aluna, de 17 anos, da escola Rio3, em uma conversa informal com a pesquisadora depois da aplicação do questionário. A estudante é um bom exemplo do que afirma Chartier sobre os leitores de hoje, que preferem ler na tela informações segmentadas ou fragmentadas. Eles são bem diferentes dos leitores tradicionais do jornal, cujo interesse maior residia na relação existente entre todos os artigos e reportagens da publicação, pois são informações que fazem sentido em conjunto. O mais difícil, com o novo tipo de suporte, o computador, é ter a percepção da obra como obra. Sendo a leitura diante da tela descontínua e sendo o leitor aquele que, a partir de então, busca o fragmento do qual quer se apoderar (um artigo de um periódico, um capítulo de um livro), a identidade e a coerência da totalidade textual que esse elemento contém não são percebidas.

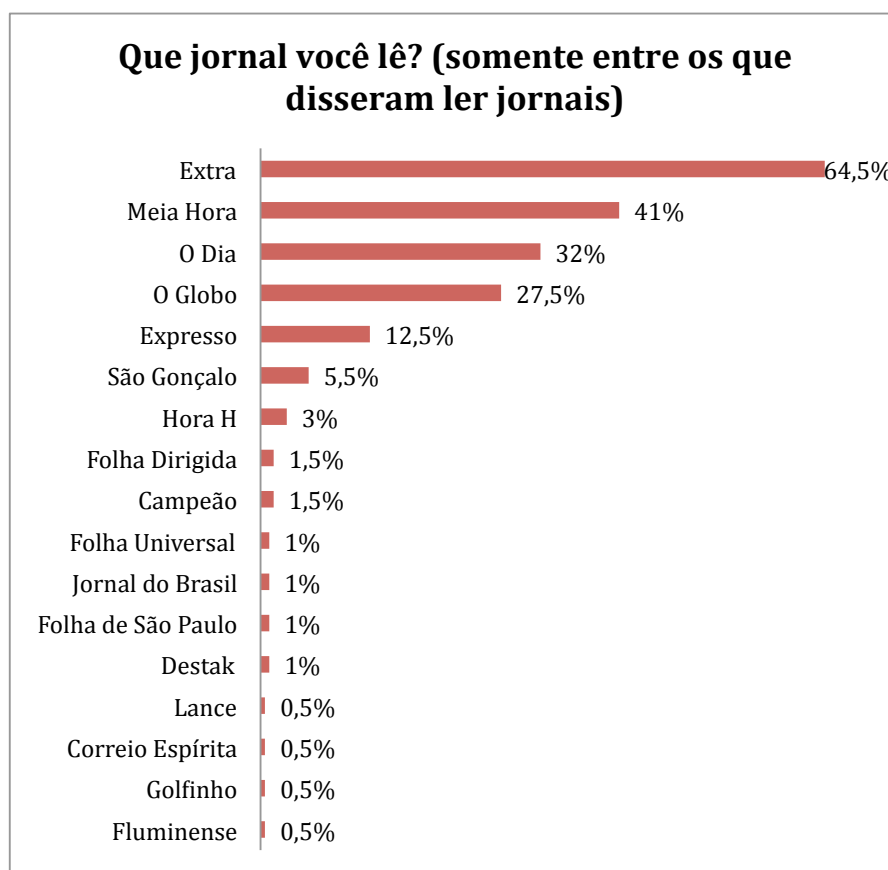
Ainda que o jornal não seja o primeiro meio de comunicação a ser consultado, um número expressivo de jovens afirmou ler periódicos impressos, cerca de 72% dos entrevistados. Mesmo assim, a frequência com que esses alunos leem jornais é baixa: 60% destes só leem de uma a duas vezes por semana; 29%, de três a cinco vezes por semana; e apenas 11%, de seis a sete vezes por semana.

O número de alunos que possuem assinaturas de jornal também é baixo: apenas 5,5% de todos os entrevistados recebem jornais todos os dias em suas casas. Entre os que não possuem assinatura, 3% afirmaram nunca ter periódicos em suas casas; 28% disseram que raramente encontram jornais em casa; 32% disseram ter jornais normalmente em casa; 20%, quase sempre; e 12%, sempre. Isso nos dá uma noção de que o acesso a jornais impressos não é um problema para esses estudantes, uma vez que a maioria tem o jornal em casa pelo menos “normalmente”.

É possível compreender esse fato levando-se em consideração as respostas fornecidas pelos alunos para a pergunta “Que jornal você lê?”. Como podiam fornecer mais de uma resposta a essa questão, o número de vezes que cada título de jornal apareceu foi contabilizado, revelando que o impresso mais citado foi o jornal Extra (64,5%), seguido por Meia Hora (41%) e O Dia (32%). Os dois primeiros não

oferecem assinatura, o que explicaria o fato de tão poucos alunos receberem os jornais em sua casa. Além disso, são impressos considerados baratos, em comparação com outros disponíveis nas bancas de jornal, algo que também ajuda a entender a facilidade de comprá-los. Abaixo, segue a relação dos periódicos citados pelos alunos que afirmam ser leitores da mídia impressa escrita, do mais citado ao menos citado.

**Quadro 12**



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

Já o número de leitores de revistas é mais elevado: 78% dos entrevistados afirmaram ler esse tipo de impresso, sendo que 51% destes compram as revistas por conta própria na banca. Outros 8,7% têm assinatura, e 31,5% têm as revistas compradas por seus pais. Os dois percentuais, aqueles que afirmam ler jornais e os

que se dizem leitores de revista, merecem uma análise destacada nesse ponto. Ambas as taxas são elevadas (72% e 78%), representando uma boa parcela daqueles que responderam aos questionários. Isso nos mostra que, de fato, entre os jovens, ainda se lê, mais do que se imagina e talvez mais do que em anos passados, indo contra o discurso de crise de leitura. Segundo Chartier (2001b), é importante destacar que, contra esse tipo de discurso mais habitual, que lamenta a perda de “uma idade de ouro da leitura”, deve-se dizer que existem múltiplas práticas de leitura que não são necessariamente práticas cultas, ou profissionais, ou legítimas, e que há uma porção de textos, livros e impressos que não se definem a partir de um conteúdo filosófico, literário ou científico, e que estas práticas se apropriam da cultura textual impressa disponível nas bancas de jornal, em revistas e textos úteis.

Contra toda a nostalgia de uma idade de ouro, real ou imaginária, é preciso medir, analisar e entender o conjunto destas práticas de leitura e destes textos que não são precisamente o que se chama literatura. É preciso deixar para trás a nostalgia (literária ou política) e entender o fato de que agora se lê mais do que antes, sem esquecer que a produção de textos impressos é mais importante hoje do que no começo do século XX (Chartier, p. 126, 2001b)

As revistas lidas citadas pelos jovens estão discriminadas no quadro a seguir. Como a pergunta era de caráter aberto, alguns estudantes citaram mais de uma revista.

Quadro 13



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

Uma análise das revistas citadas pelos alunos como fonte de leitura revela que, de certa forma, o jornal pode ser substituído pelas revistas semanais de informação. Veja e Época, por exemplo, aparecem com altos percentuais de leitura. Para compreender essa ligeira preferência pelas revistas, em lugar dos jornais, na hora de buscar notícias, podemos recorrer às considerações de Scalzo (2006), que afirma

que as revistas respeitam a necessidade de carregar, de guardar ou de colecionar de seus leitores.

Ainda devido à qualidade do papel e da impressão, outro grande diferencial positivo das revistas, principalmente em relação aos jornais, é a sua durabilidade. Revistas duram muito mais (graças à qualidade do papel, é verdade, mas pelo conteúdo também). É só dar uma olhada nas salas de espera dos consultórios de médicos e dentistas... (Scalzo, 2006, p. 41).

Cláudio Henrique (2002) tem uma explicação parecida com a de Scalzo e faz uma boa diferenciação entre a durabilidade de jornais e de revistas.

A áurea de realeza que cerca este tipo de publicação começa na constatação curiosa de que, ao contrário dos jornais, folhas coloridas de revistas não são usadas para embrulhar peixes. A capa de *Veja* com a entrevista de Pedro Collor (1992) – descascando e fritando a batata do irmão Fernando – nunca abraçou filés de atum nem envolveu tilápias. Revistas têm vida mais longa, descobriram no papel *couché* um elixir da juventude, que lhes dá mais alguns dias ou semanas de vida. (Henrique, 2002, p. 134).

Ter a revista *Capricho* como a mais citada pelos estudantes que afirmaram ler revistas, além de outros títulos como *Atrevida* e *Toda Teen*, nos mostra que, de fato, o público nessas escolas de Ensino Médio Normal é formado, basicamente, por meninas, adolescentes, na faixa de seus 16 a 18 anos.

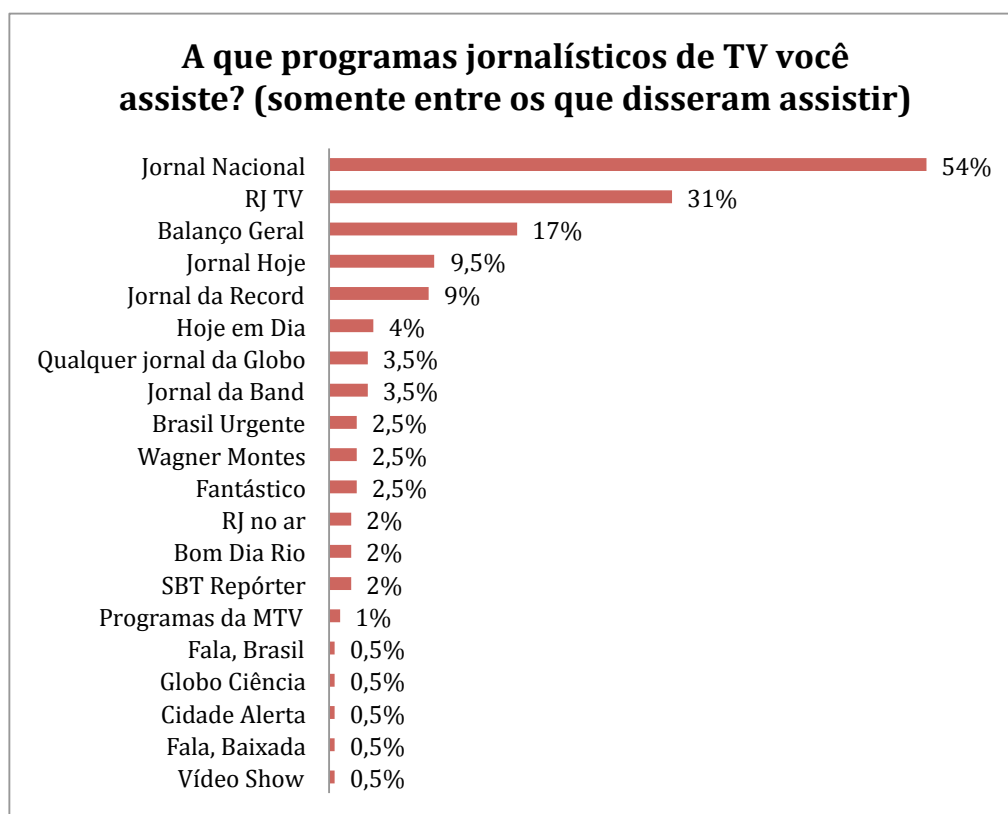
Além das preferências acerca das revistas, a primeira parte do questionário também contemplava questões sobre programas jornalísticos de TV e de rádio. Cerca de 85,7% dos estudantes afirmaram assistir a programas jornalísticos na televisão ou no rádio. O percentual, mais elevado até do que aqueles que afirmam ler revistas e jornais, não é difícil de ser explicado. Pesquisas mostram que adolescentes, em vários países do mundo, passam pelo menos 50% de tempo a mais ligados na tevê do que em qualquer outra atividade não-escolar, incluindo deveres de casa ou convívio com a família<sup>21</sup>. No Brasil, de acordo com dados do Unicef, os adolescentes passam, em média, quatro horas por dia grudados na televisão. Segundo Travancas (2007), que entrevistou jovens universitários e pesquisou sua interação especificamente com o

---

<sup>21</sup> Informação obtida na publicação “Remoto Controle – Linguagem, Conteúdo e Participação nos Programas de Televisão para Adolescentes”, Editora Cortez. (Fuchs e Vivarta, 2004)

Jornal Nacional, da TV Globo, parece estranho, para esses sujeitos, pensar em uma vida sem televisão. Ela é parte da rotina, da casa, da vida, constituindo-se em uma espécie de mediadora da realidade. Essa realidade é compreendida e pode ser absorvida através da sua mensagem. Segue, abaixo, a relação dos programas jornalísticos citados pelos alunos que responderam ao questionário. A questão também era aberta e os alunos podiam escrever mais de um programa.

#### Quadro 14



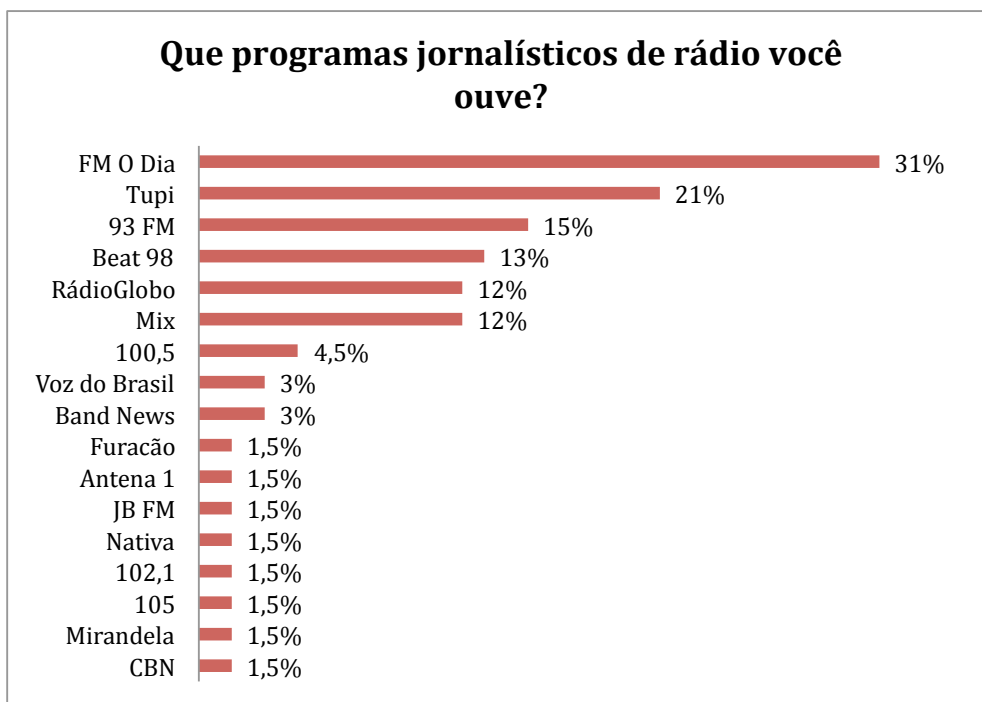
Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

O Jornal Nacional aparece como programa mais assistido, entre os que afirmaram acompanhar as notícias pela TV. Já os programas da MTV, por exemplo, ou outros de caráter mais “jovem”, como o “Globo Ciência”, aparecem no fim da lista. A preferência por um programa jornalístico desse porte e com esse perfil, como

o Jornal Nacional, além de ser explicada pela enorme influência da TV Globo entre os espectadores de todo o país, também poderia ser analisada à luz das concepções de Silverstone (1996) sobre os noticiários desse gênero. De acordo com o autor, esses programas podem ser considerados uma espécie de ciclo equilibrado que traz uma “espécie de calma”, em suas palavras, a quem os assiste. Mais do que seu conteúdo, é o seu formato que tranquiliza os espectadores. O modo através do qual são ordenadas as notícias, a presença dos apresentadores, encarados como indivíduos de confiança e agradáveis, a última matéria apresentada, quase sempre mais leve do que as outras apresentadas ao longo do noticiário, tudo isso dá uma espécie de segurança ao telespectador. Essa é uma das chaves, segundo ele, para que se pudesse entender a televisão como ordenadora da vida social, das rotinas familiares.

Em relação ao rádio, a FM O Dia aparece como a estação mais ouvida pelos alunos que disseram recorrer a programas jornalísticos nesse meio de comunicação, citada por 31% deles. Em seguida, vêm a rádio Tupi (citada por 21%), e a 93FM (lembrada por 15%). Abaixo, segue a lista dos programas jornalísticos de rádio.

#### Quadro 15



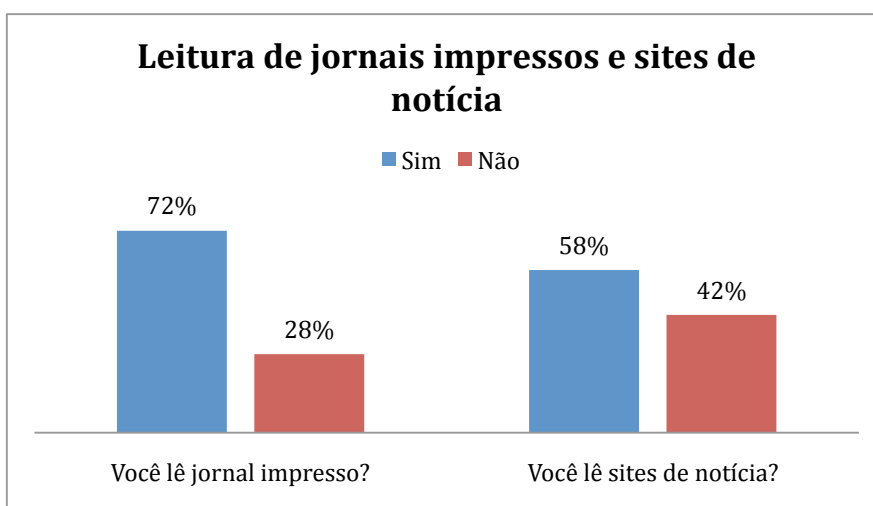
Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)



Os dados sobre rádio, nesta pesquisa, são interessantes. Muitos hoje ainda pensam que esse veículo de comunicação vem perdendo espaço, principalmente entre as camadas mais jovens da população, mas as entrevistas semi-estruturadas, realizadas antes da aplicação do questionário desta pesquisa, mostram que o rádio ainda se faz presente no cotidiano desses jovens, muito também em função dos celulares. Alguns aparelhos portáteis de telefone hoje possibilitam ter acesso ao rádio, o que pode estar renovando sua audiência. Além disso, ficou claro, em algumas conversas informais antes e depois da aplicação dos questionários, que ouvir os noticiário, para esses jovens, é muito mais importante do que ver. *“Eu deixo a TV ligada no jornal e vou ouvindo. Só paro para ver, de verdade, se acho que a imagem vai ser impactante”*, afirmou uma aluna da escola Rio3. Travancas (2007) observou em sua pesquisa algo muito parecido, afirmando que quase todos os seus entrevistados viam o telejornal ao mesmo tempo em que faziam outras atividades e, muitas vezes, apenas ouviam o programa de TV, sem assisti-lo com os olhos. Só se aproximavam, de fato, da televisão, quando a matéria interessava. Dessa forma, é possível entender por que o rádio não parece, para esses jovens, um meio de comunicação velho ou ultrapassado.

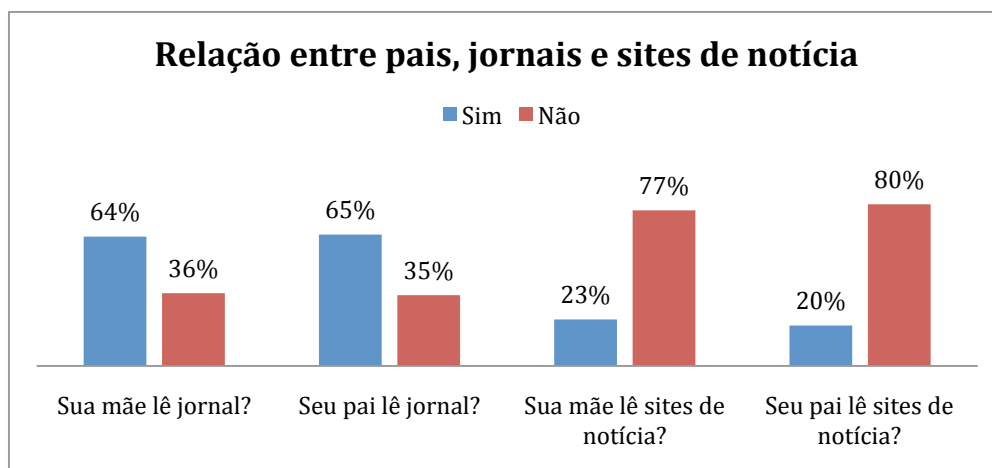
### **3.3 - Família, amigos e escola: como essas interações se relacionam com a prática de leitura dos futuros professores**

Para analisar de que forma as interações com a família, os amigos e a escola poderiam estar atreladas às práticas de leitura de jornais e sites de notícia dos jovens que participaram desta pesquisa, tomei, como base, a comparação dos percentuais revelados por algumas questões do questionário. Os primeiros percentuais são os que se referem à leitura de jornais impressos e sites de notícia por todos os estudantes. Os outros são os que estão relacionados somente à leitura de jornais e sites de notícia dos pais, das mães e dos amigos e a frequência com esses mesmos estudantes encontram jornais e têm acesso aos sites a partir de suas escolas. Analisando através dos gráficos, essa questão fica mais clara.

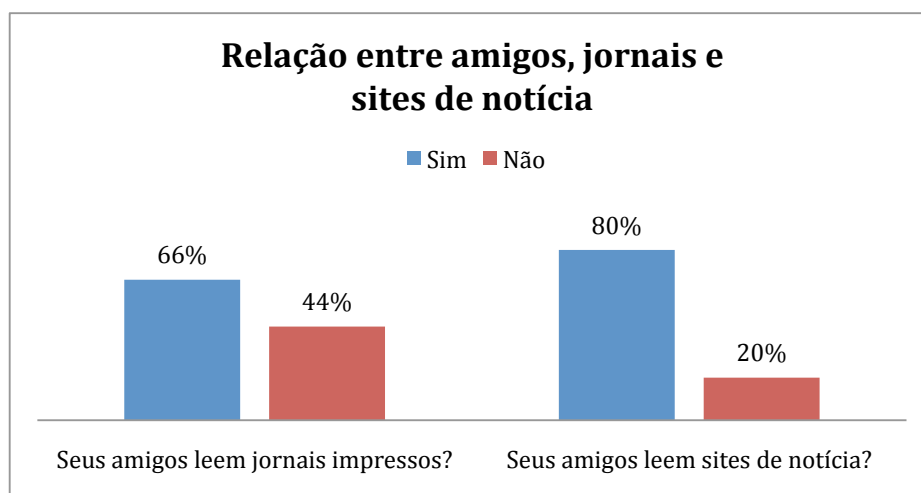
**Quadro 16**

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

A tabela acima mostra que 72% dos jovens, em seus questionários, dizem ler jornais impressos, enquanto 58% acompanham os sites de notícia. Assim, cabe agora analisar também os percentuais que tratam da leitura desses mesmos meios de comunicação por parte dos pais e dos amigos desses estudantes.

**Quadro 17**

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

**Quadro 18**

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

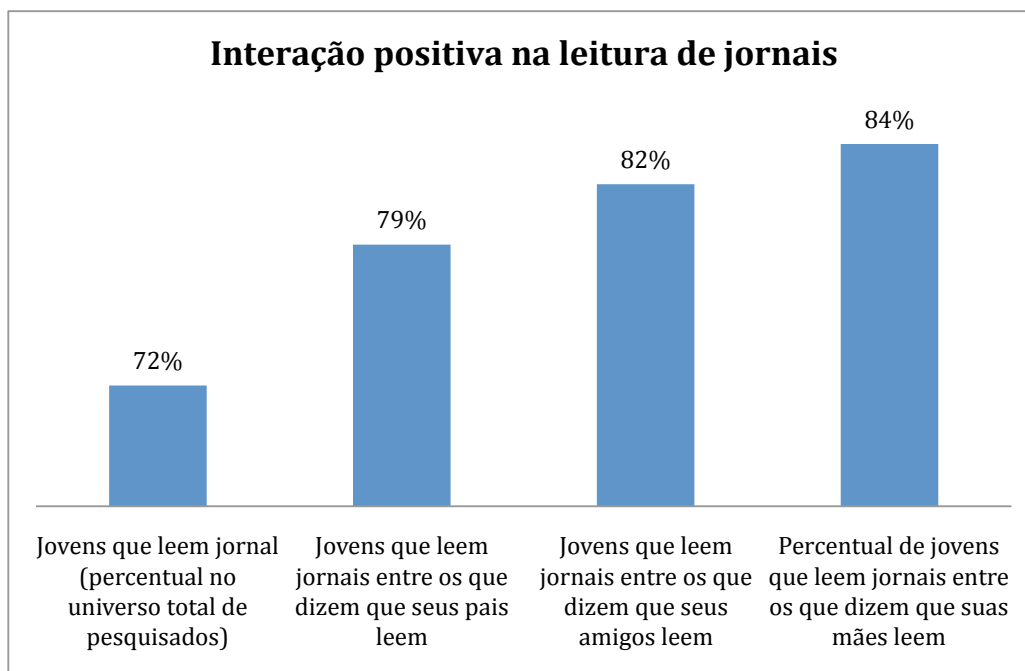
Um cruzamento de todos esses dados pode nos dar pistas para uma possível relação entre o fato de os pais lerem (ou não) jornais e sites de notícia e seus filhos adotarem (ou não) também essa prática. O mesmo vale para os amigos. Cabe ressaltar que esta pesquisa não incluiu entrevistas feitas com pais ou amigos dos estudantes que responderam aos questionários e se baseou tão somente nas respostas fornecidas pelos alunos. Assim, as análises dessas interações se constituem apenas como hipóteses, que, analisadas juntamente com outras pesquisas que tratam da influência dos pais e dos pares sobre adolescentes, podem nos indicar que possíveis papéis têm a família e os amigos sobre a prática de leitura da mídia.

Se considerarmos somente o universo de estudantes que afirmam que suas mães leem impressos, o percentual de alunos que também lê é de 84%. Somente entre aqueles que dizem que suas mães não acompanham as notícias pelos jornais, a taxa de alunos que também não lê é de 49%. Analisando esses percentuais, em comparação aos do universo mais amplo, que abrange todos os estudantes entrevistados, perceberemos a diferença: entre todos os alunos, aqueles que dizem ler jornais somam 72%, enquanto aqueles que não leem somam 38%. Com os pais, e não só com as mães, algo semelhante acontece: entre os estudantes que afirmam que seus pais leem

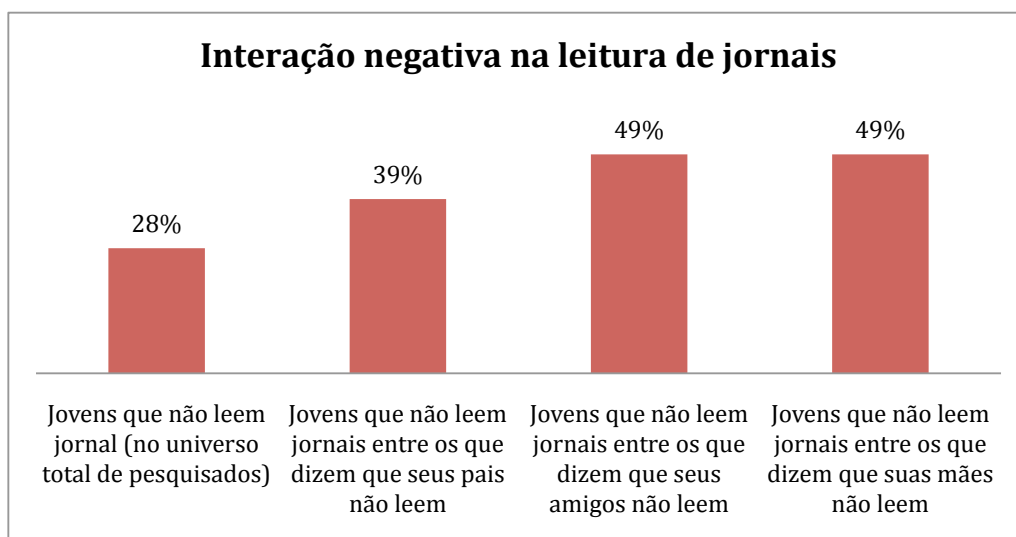
jornal, 79% dizem que também leem; entre os jovens que dizem que os pais não leem jornais, 39% também não leem. Com os sites de notícia, isso não ocorre.

Na entrevista semi-estruturada, realizada antes da aplicação dos questionários, uma das entrevistadas revelou que foi sua mãe quem lhe passou o “hábito da leitura”, usando suas próprias palavras. Foi por causa dela que estudante decidiu fazer Ensino Médio Normal e ser professora, seguindo a mesma profissão escolhida pela mãe. *“Sempre admirei a maneira como a minha mãe se envolvia não só profissionalmente, mas pessoalmente com os seus alunos. Ela tem paixão mesmo pelo que faz”*, afirmou Beatriz, de 18 anos, aluna da escola Rio 4.

Essa forte ligação de Beatriz com os pais não é uma exceção. Gonçalves e Coutinho (2008) demonstram que, diferentemente dos jovens europeus, os jovens brasileiros investigados por elas, em uma pesquisa realizada em 2008 na periferia do Rio com 1.700 rapazes e moças, demonstravam que, para além da importância material, esses indivíduos demonstravam encontrar na família um lugar central enquanto referência no que diz respeito ao apoio, a projetos futuros e a valores. Trata-se, sobretudo, de uma relação complexa, em que o tradicional – a família, o trabalho, a escola – convive com o moderno. A família ocupa, assim, um lugar privilegiado na vida desses jovens. A seguir estão os quadros sobre os diferentes percentuais de leitura de jornais impressos, considerando o universo total de pesquisados, apenas aqueles que dizem que seus pais leem e aqueles que afirmam que seus amigos leem.

**Quadro 19**

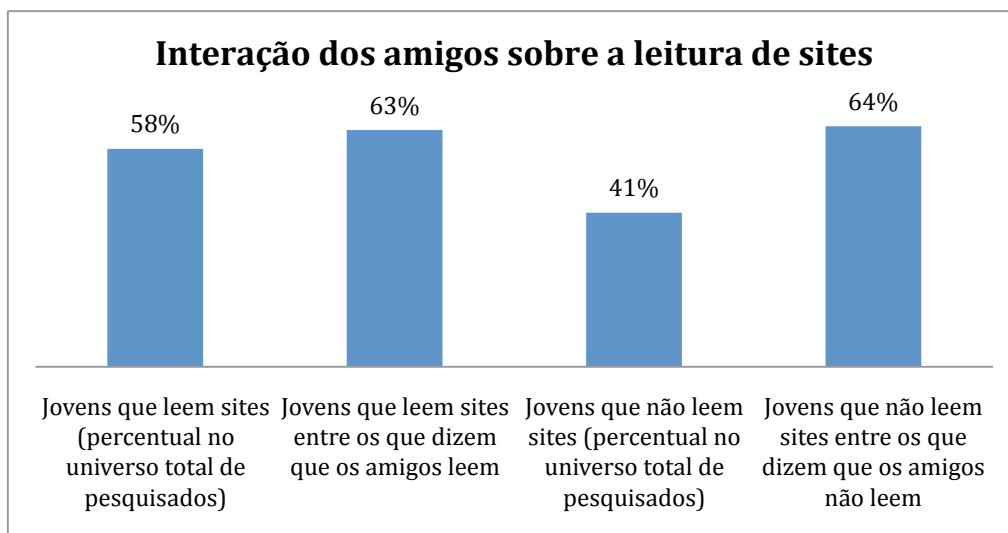
Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

**Quadro 20**

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

Se o fato de os pais lerem ou não jornal poderia ter uma relação com o fato de seus filhos acompanharem esses periódicos, há também uma relação entre os percentuais que se referem aos amigos. Cerca de 66% dos estudantes dizem que seus amigos leem jornais. Sobre os sites de notícia, são 80% aqueles que afirmam que seus amigos acompanham as notícias pela internet. Se considerarmos apenas o universo daqueles estudantes que afirmam que seus amigos leem jornais, o percentual de alunos que diz também ler passa a ser de 82% (10 pontos percentuais acima dos 72% que afirmam que leem, no universo total de jovens entrevistados). Se considerarmos apenas o universo daqueles que afirmam que seus amigos não leem jornais, a taxa de alunos que dizem também não ler é de 49% (21 pontos percentuais a mais que os 28% que dizem que não leem, no universo total de entrevistados).

Na questão da leitura dos sites, há também uma relação interessante entre as taxas. O percentual daqueles estudantes cujos amigos leem notícias na internet e que afirmam também acompanhar os sites de notícia é de 63% (cinco pontos percentuais a mais que os 58% que dizem que acompanham os sites, no universo total de entrevistados). Por outro lado, se 41% do universo total de jovens pesquisados afirmam não ler sites de notícia, esse percentual sobe para 64% se considerarmos somente aqueles que fazem parte do grupo que diz que seus amigos não leem notícias pela internet. O próximo quadro mostra as taxas citadas.

**Quadro 21**

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”  
(Fischberg, 2011)

A questão dos amigos é crucial quando tratamos especificamente sobre esse tipo de interação sobre crianças e jovens. Segundo Vincent Buffaul (1996), no século XX, a adolescência é verdadeiramente consagrada e passa a ser considerada um período fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. Citando o início dos anos 1900, quando a educação na França se dava principalmente a partir de internatos, a autora explica que essa fase já era, naquela época, a idade da amizade por excelência. A descoberta da amizade como uma etapa essencial até mesmo para a educação contribui para torná-la um elemento importante na formação das personalidades.

As afinidades eletivas surgidas nos colégios são as mais sólidas porque nelas se associam a intensidade e a indeterminação, a plasticidade do caráter e a comunidade de vida. Nas simpatias juvenis reside uma parcela de amor: confidências, ciúme, exclusividade (...) (Vincent Buffaul, p. 134, 1996)

Melucci (2007), em um artigo em que analisa a experiência do tempo como dilema central em nossa sociedade e demonstra como pessoas jovens, particularmente adolescentes, são atores-chaves do ponto de vista da questão do tempo em sociedades complexas, conclui que a adolescência é a idade na vida em que se começa a enfrentar o tempo como dimensão significativa e contraditória da identidade.

Segundo ele, essa perspectiva temporal do adolescente se transformou em um tema bastante interessante de pesquisa, pelo que hoje há de diferente em relação às sociedades do passado. Antes, a incerteza quanto ao futuro era resultado direto de eventos aleatórios e que fugiam ao nosso controle: epidemias, guerras, colapsos econômicos. As incertezas raramente envolviam a posição de cada um na vida, algo que era previsível já no nascimento e determinado pela história da família e do contexto social do indivíduo. Já para o adolescente moderno, as incertezas quanto ao futuro derivam exatamente da disponibilidade de possibilidades sociais, da grande quantidade de cenários nos quais suas escolhas podem ser feitas. Assim, a adolescência é atualmente a idade em que o futuro é percebido como um lugar repleto de possibilidades, o que traz como consequência uma forte orientação para a auto-realização, a resistência contra qualquer determinação externa dos projetos de vida e um forte desejo de reversibilidade de escolhas. Isso indica também a visão do passado como um fator limitativo.

Essas considerações, aponta o autor, podem nos mostrar que essa perspectiva temporal do adolescente pode ter deslocado a adolescência para muito além de seus limites biológicos, tornando-a uma conotação cultural de amplo significado. Sendo assim, estilos de roupas, gêneros musicais, participação em grupos, tudo isso funciona como uma espécie de linguagem, com a qual esses indivíduos se identificam e mandam sinais de reconhecimento para os outros.

Os jovens se mobilizam para retomar o controle sobre suas próprias ações, exigindo o direito de definirem a si mesmos contra os critérios de identificação impostos de fora, contra sistemas de regulação que penetram na área da “natureza interna”. (Melucci, 2007, p.42)

As considerações de Melucci acerca da adolescência e do tempo podem ajudar a compreender o apoio que esses jovens buscam nos amigos e também por que motivo as taxas de leitura de jornais e sites de notícia aumentam quando analisamos somente o universo de estudantes que afirmam que seus amigos também acompanham esses meios de comunicação. É nesse universo, cheio de possibilidades e incertezas em relação ao futuro, que se encontra no próximo, naquele que vive



experiências pelo menos parecidas, uma espécie de apoio, uma identificação. Algo que é difícil de se encontrar, por exemplo, na escola ou nos professores.

Para Pereira e Garcia (2009), a influência que os amigos costumam ter uns sobre os outros, principalmente nessa fase da adolescência, poderia ser considerada horizontal. Ao investigarem o processo de escolha profissional de 36 alunos do Ensino Médio de três escolas particulares e três públicas, tendo como objetivo investigar a participação de diferentes instâncias nessa decisão, os amigos apresentaram uma interação menos direta e incisiva que os pais ou a escola, mas que talvez possa ser considerada tão poderosa quanto, uma vez que ela acontece por meio de conversas e trocas de informações. Já os pais e professores foram percebidos como influência vertical, mais direta, com uma relação desigual de poder. Segundo os autores, os adolescentes opinam sobre as escolhas de seus pares, trocam informações e ainda indicam outros cursos e profissões que acreditam ser mais apropriados para seus amigos, o que pode influenciar nas decisões futuras acerca da escolha da carreira. Ironicamente, nem todos os jovens entendem essa ação necessariamente como uma influência.

Os alunos que se percebem influenciando os amigos quanto a sua escolha profissional entendem que trocar informações sobre cursos e universidades, discutir com os amigos sobre a escolha, ajudando-os a criticá-la, são formas de influência. (Pereira e Garcia, 2009, p.67)

Sendo assim, essa interação horizontal entre os jovens e seus amigos sugere que, de alguma forma, isso também pode acontecer em relação às práticas de leitura da mídia.

Os percentuais que se referem especificamente à escola, nesta pesquisa, não revelam essas mesmas diferenças percentuais. O número de jovens que leem jornal ou sites de notícia não aumenta se considerarmos apenas o universo de estudantes que encontram jornais e têm acesso a sites em seus colégios; nesse caso, o número se mantém. Mas, em relação às instituições de ensino, os questionários mostram algo muito importante sobre o ponto de vista dos estudantes em relação ao que esperam de suas escolas. Se houve um ponto em comum entre o que dizem quase todos os jovens

que participaram desta pesquisa, ele está relacionado ao tratamento que as escolas deveriam dar aos jornais e aos sites de notícia. Quase todos os alunos têm a percepção de que ter a mídia dentro do colégio, como ferramenta de conhecimento e instrumento em sala de aula, é fundamental.

Cerca de 97% dos estudantes dizem achar importante que suas escolas deem acesso a jornais e sites de notícia, promovendo atividades com essas ferramentas ou simplesmente disponibilizando-as para os alunos. No entanto, grande parte das escolas em que estudam, segundo eles, não dão tratamento adequado à mídia ou, pelo menos, não utilizam jornais e sites de notícia da maneira como deveriam. Foram 90% dos estudantes os que afirmaram não ter acesso a jornais impressos na escola; e quase 70% os que disseram não ter acesso livre a sites de notícia em suas instituições de ensino, mesmo tendo laboratório de informática em todas elas. Para esses jovens, conhecer a mídia e estar por dentro das últimas notícias é importante não só em suas vidas, mas também em seu futuro como docentes. “*Essas ferramentas vão nos ajudar muito no futuro para podermos dar aulas*”, afirma uma aluna, de 16 anos, do colégio Met5.

Para Lozza<sup>22</sup>, não há dúvidas de que o jornal impresso é facilitador de uma leitura mais aprofundada para que aquele que o lê possa se tornar uma espécie de “senhor da informação que recebe”, da notícia que, antes de chegar ao grande público, foi transformada pela imprensa. Para a autora, o jornal, sendo ele de papel ou não, precisa estar na escola para ser lido pelos alunos, e isso deveria ser feito sob a orientação de professores que funcionem como uma espécie de auxiliares no destrinchar das informações.

É na escola que os alunos podem embrenhar-se pelos caminhos da reflexão, tentando construir um novo conhecimento e avaliando o quanto a sua própria forma de ser sofre influência daquela maneira de contar a História que a imprensa produz e que tanto vai tracejando rotas que poderiam ser diferentes se a narrativa fosse outra (...). Aluno educado, principalmente nestes nossos dias, é aluno que avalia seus limites e possibilidades frente ao seu contexto, para pensar e agir em prol de um mundo diferente do que aí está. (Lozza, trecho de artigo disponível na internet)

---

<sup>22</sup> Informações disponível no artigo assinado pela autora intitulado “Conhecer-se a si, conhecer a mídia”, disponível em <http://www.folhadointerior.com.br>. Acesso 20/07/2010

Quando o aluno começa a analisar e perceber a influência que sofre da mídia, ele tem a possibilidade de conhecer a si mesmo, percebendo por que age de determinada forma, por que faz algumas escolhas e o quanto pode intervir no que está a sua volta, no mundo. Tendo maior clareza sobre seus limites e possibilidades, esse aluno pode fazer melhores escolhas pela vida que segue, mesmo depois de sair da escola, pois a compreensão da mídia não é favorável apenas à leitura, mas também a um plano mais geral.

Para Braga e Calazans (2001), fazemos parte de uma sociedade que pode ser caracterizada como midiaticizada, ou seja, que funciona largamente através de uma interatividade dialogal midiática. É essa sociedade que tem ao seu dispor todo um aparato complexo de entretenimento, informação e propagação. Assim, se é para a sociedade em geral que a educação forma, é, portanto, para a sociedade midiaticizada que ela deve também preparar seus alunos, fornecendo competências e conhecimentos necessários para uma participação eficaz nesse contexto, tornando os indivíduos capazes também de enfrentarem as questões e dificuldades colocadas pelo novo cenário.

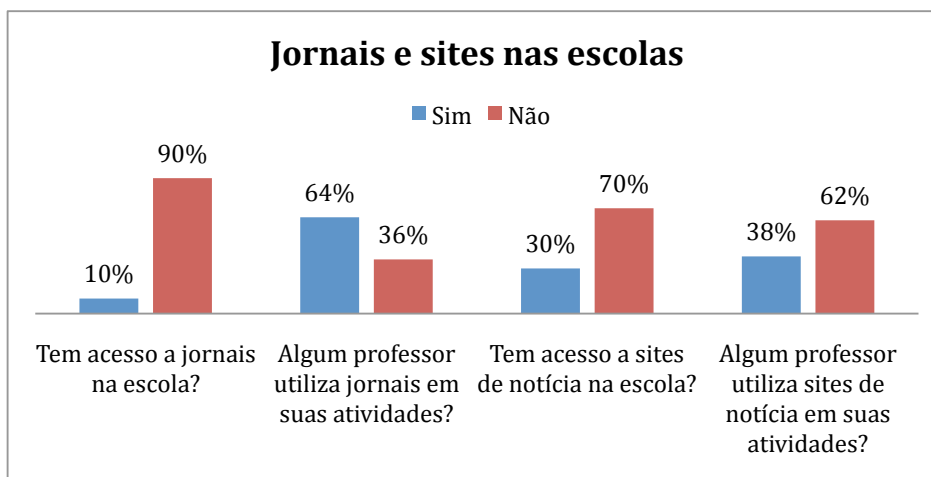
Com a presença de um aparato de comunicações gerais em uma sociedade midiaticizada, os saberes circulam na sociedade de modo acelerado, diversificado, a partir de fontes mais variadas, e vinculados a objetivos muito diferenciados. Mais do que simplesmente “saberes”, multiplicam-se dispositivos de mediação e circulação dos saberes. Em consequência, modificam-se as aprendizagens relacionadas a tais saberes. (Braga e Calazans, 2001, p.30)

As aprendizagens decorrentes do espaço midiático são diferentes das aprendizagens escolares por um bom número de razões. Por um lado, os conhecimentos que apareceriam de modo mais formalizado, ou até mesmo sistematizado, na escola, na mídia aparecem de modo mais disperso, menos sistemático. Aprende-se de outro modo, aprendem-se outras coisas. Trata-se de uma aprendizagem que tem muito de disposição geral, e aí estamos falando do acesso que cada um tem aos meios de comunicação, e muito da experiência singular do indivíduo, do que ele já viveu e viu até então, pois isso tem consequência direta sobre suas interações e interpretações.

Para além da importância do uso da mídia em sua formação profissional, os alunos que participaram desta pesquisa afirmam que ter acesso a jornais e sites de notícia nas instituições de ensino supriria a falta deles em seu dia a dia. *“Tem pessoas que não têm acesso a essas coisas (sites de notícia e jornais) em casa e, tendo isso na escola, é uma oportunidade”*, escreve uma aluna de 17 anos, da escola Met2. Essa, talvez, seja uma das contradições no discurso desses jovens, uma vez que, de acordo com os dados obtidos com os questionários aplicados, a maioria dos estudantes entrevistados possui internet em suas residências: cerca de 87,5% dos entrevistados, que acessam a rede quase todos os dias. É grande também o número de alunos que afirmam encontrar jornais impressos com regularidade em casa. Aqueles que disseram ter periódicos impressos em suas residências normalmente, quase sempre ou sempre somaram 67,5% dos entrevistados.

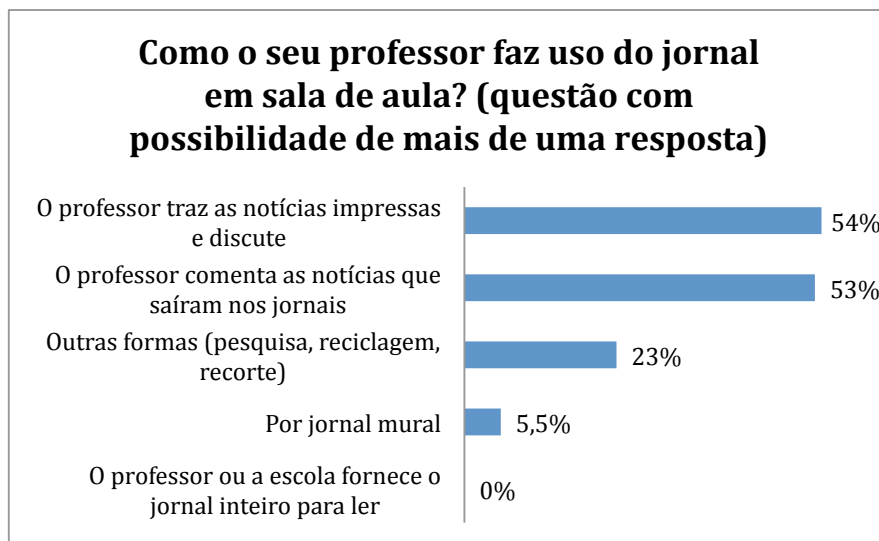
Os resultados obtidos com os questionários ainda mostram que, mesmo entre os alunos que dizem ter acesso a jornais ou sites nas escolas, ou entre aqueles que afirmam que seus professores fazem uso dessas ferramentas, o tratamento da mídia no colégio ainda está longe de ser o que esperam. Dos que afirmam que suas escolas dão acesso livre a jornais, 36% explicam que, na verdade, conseguem o periódico com amigos ou com outras pessoas que compram e emprestam, enquanto estão no colégio. Já 64% dos entrevistados afirmam que seus professores utilizam, de alguma forma, o jornal em sala de aula, mas não o periódico por inteiro. Quanto aos sites de notícia, 30% dos normalistas afirmam que têm acesso a essa ferramenta no colégio, mas são poucos os que navegam pela internet junto com os professores. Os dados sobre o uso da mídia na escola estão nas tabelas a seguir.

Quadro 22

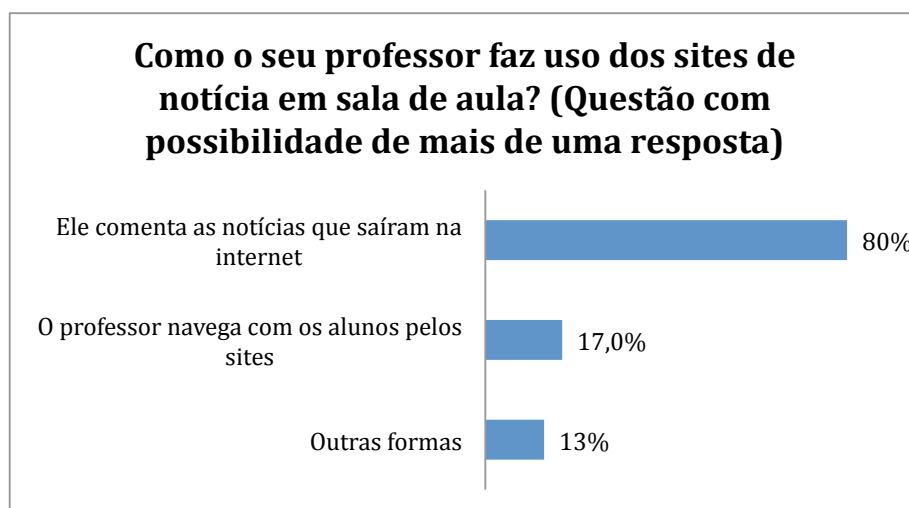


Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

Quadro 23



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

**Quadro 24**

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)

Como é possível notar pelos quadros anteriores, as escolas pesquisadas parecem não usar a mídia em sala de aula. Em relação aos jornais, a utilização das reportagens pelos docentes está quase sempre ligada à disciplina ministrada. Se a notícia tem relação com algo que se estuda em Geografia, por exemplo, o professor da disciplina em questão se interessa em utilizá-la. Mas não há, por exemplo, uma atividade que contemple a discussão do jornal como um todo. Nenhum dos alunos disse ter acesso ao jornal por completo a partir das aulas ou da própria escola. O jornal mural, que deveria merecer mais atenção também por parte das instituições de ensino, por incitar os alunos a produzirem seu próprio material, foi citado por apenas 3,5% dos alunos que disseram que seus professores utilizam o jornal em sala de aula. O mesmo acontece com os sites de notícia. A maioria dos docentes, cerca de 80%, apenas comenta as notícias em aula, como uma atividade não planejada. O percentual daqueles que navegam, de fato, junto com os alunos pela internet é bem mais baixo, somando 17%.

Segundo Baccaga (2005), o uso do computador tem se revelado de grande valia para o ensino. Porém, se a sua utilização ocorre apenas na perspectiva de instrução, seu valor ficará dramaticamente reduzido. A educação continuará a ter

como base a reprodução do conhecimento, e o computador servirá apenas para colocar à disposição do aluno, descritivamente, uma gama maior de informações acumulada no decorrer dos séculos.

O computador, o vídeo, o DVD ou outros aparelhos têm de ser vistos como presenças na realidade contemporânea na qual nós, alunos e professores, estamos imersos. Portanto, como presenças no processo de educação. Serão usados pelo professor conforme seus objetivos, a partir do planejamento que elaborou, com vistas a objetivar o acesso crítico ao conhecimento. (Baccega, 2005, p. 10)

Outros autores, como Moran (2007), explicam que é necessário estabelecer uma espécie de ponte entre os educadores e os meios de comunicação. São aqueles que educam os que também precisam ser educados para compreender melhor como se dá o processo de troca, dos códigos com infinitos significados e suas mensagens. Assim, educadores precisam compreender, acima de tudo, o significado dos meios de comunicação dentro da nossa sociedade, pois só assim podem atuar efetivamente na luta pela sua democratização e pelo direito de cada indivíduo de exercer integralmente sua cidadania.

A relação entre comunicação, meios de comunicação e escola deveria ser, então, pensada em três níveis: organizacional, de conteúdo e comunicacional (Moran, 2007). Quando falamos em organizacional, nos referimos a uma escola mais participativa, menos centralizadora, adaptada ao discurso de cada um dos sujeitos. Fundamental, para que isso seja possível, é comparar sempre o discurso, aquilo que se diz ou que se escreve, com a práxis, as efetivas expressões de participação. O nível do conteúdo está ligado a uma instituição educacional que fale mais da vida, dos problemas que atingem e afligem os jovens, que prepare para o futuro ao mesmo tempo em que esteja em sintonia com o presente. Para tanto, é fundamental buscar nos meios de comunicação abordagens do cotidiano e incorporá-las em aula. Por último, a questão comunicacional se relaciona ao conhecimento e incorporação de todas as linguagens e técnicas hoje utilizadas pelo homem contemporâneo. A escola precisa valorizar as linguagens audiovisuais também, ao lado das convencionais.

A educação para os meios começa com a sua incorporação na fase de alfabetização. Alfabetizar-se não consiste só em conscientizar os códigos da língua falada e escrita, mas dos códigos de todas as linguagens (...) A criança, ao chegar à escola, já sabe ler histórias complexas, como uma telenovela, com mais de trinta personagens e cenários diferentes. Essas habilidades são praticamente ignoradas pela escola, que, no máximo, utiliza a imagem e a música como suportes para facilitar a compreensão da linguagem falada e escrita, mas não pelo seu intrínseco valor. As crianças precisam desenvolver mais conscientemente o conhecimento e prática da imagem fixa, em movimento, da imagem sonora (...) (Moran, 2007, p.166)

Soares (2002) alerta para o fato de que a tela do computador, sendo também um novo espaço de escrita, traz significativas mudanças entre o ser humano e o conhecimento. A hipótese é de que as mudanças que estamos experimentando, com as novas tecnologias e até mesmo com a revolução na mídia, uma vez que ela também opera com esses novos suportes, tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, configurando o que a autora chama de letramento digital. Esse novo tipo de letramento pode ser entendido como um certo estado ou condição que é adquirido por aqueles que se aproximam de uma nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferentemente do letramento daqueles que exercem práticas de leitura e escrita no papel. Esse letramento digital reaproximaria, inclusive, o ser humano de seus esquemas mentais, pois pensamos em hipertexto, sem impor um limite para a imaginação a cada nova palavra que nos surge, ou seja, não somos lineares em nosso pensamento.

Sendo assim, é necessário que estas escolas, envolvidas na pesquisa, revejam o tratamento que vêm dispensando à mídia e que isso seja feito com a cautela e o cuidado necessários, para que o uso de jornais e sites de notícia tenha, de fato, alguma influência na constituição de sujeitos críticos e preparados para lidar com esses meios de comunicação.